

INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: DESAFIOS E DESCOBERTAS DOS PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Daiana Estrela Ferreira Barbosa (1); Pedro Lúcio Barboza (2).

Universidade Estadual da Paraíba; daiana.estrela@hotmail.com (1)

Universidade Estadual da Paraíba; plbcg@yahoo.com.br (2)

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão das situações vivenciadas por professores de matemática no início da carreira. A pesquisa qualitativa foi realizada através de entrevistas semiestruturadas com seis professores de matemática de escolas públicas e privadas. O foco de análise incide principalmente sobre os seguintes aspectos: a escolha da profissão, a formação acadêmica, os desafios enfrentados ao deparar-se com a realidade da sala de aula, as práticas pedagógicas adotadas, dentre outras situações que caracterizam essa fase inicial. Os desafios e descobertas narrados pelos professores frente à realidade do cotidiano escolar no início da carreira docente confirmaram alguns aspectos que configuram esse momento da carreira. Os resultados obtidos nos permitem afirmar a importância de reflexão sobre como cada um se torna professor e da formação do futuro professor de matemática como espaço de articulação entre teoria e prática.

Palavras-chave: Formação de professores, Início da carreira docente, Matemática.

1. INTRODUÇÃO

O início da carreira docente é bastante discutido na literatura e associado principalmente aos desafios e dificuldades que os professores vivenciam nesse período, que vai até os três anos de docência (HUBERMAN, 1995). Esse período é considerado um momento tenso e conturbado, cheio de sentimentos que muitas vezes pode se tornar traumático e acabar na desistência da profissão. Os professores iniciantes ao se depararem em situação de sala de aula sofrem o choque da realidade, ou seja, o sentimento de distanciamento entre o que é idealizado e o que é realizado na sala de aula.

Para García (1999, p. 113), a transição de estudantes para professor, que abarca os primeiros anos de iniciação ao ensino, “é um período de tensões e aprendizagens intensas em contextos geralmente desconhecidos, e durante o qual os professores principiantes devem adquirir conhecimento profissional além de conseguirem manter um certo equilíbrio pessoal”.

Um dos temas mais discutidos, referente ao ensino da matemática, são os cursos de formação, sendo também os maiores responsáveis pelos conhecimentos iniciais dos professores de matemática em sua prática docente. Isso implica dizer que a formação inicial proporciona ao futuro professor conhecimentos introdutórios que não os torna definitivamente um bom

profissional, pois o professor precisa estar constantemente atualizado e sempre aberto a mudanças para atender as necessidades emergentes da nossa sociedade.

O professor iniciante fica diante de muitos obstáculos, sem saber muitas vezes como agir. Aos poucos descobre como lidar com as situações amenizando-as. Essa tarefa torna-se árdua, exigindo muito esforço e dedicação do professor. Para Huberman (1995), a indisciplina na sala de aula, a falta de motivação dos alunos, a relação com alunos e pais e o abandono da profissão são as dificuldades mais frequentes vivenciadas pelos professores iniciantes.

Neste estudo, a abordagem qualitativa foi privilegiada na coleta de dados e em sua análise à luz de autores como Lüdke e André (1986) e André (2002). Para compreender a escolha profissional e os desafios de se constituir profissionalmente nessa primeira etapa da carreira, entrevistamos seis professores de matemática que encontram-se dentro do período de três anos de docência delimitado para nosso estudo.

Esse artigo tem como principais interlocutores autores que têm estudado o trabalho docente, a formação de professores e o início da carreira, HUBERMAN (1995), GARCÍA (1999), ANDRÉ (2002), entre outros, e está estruturado para compreendermos a motivação pessoal pela escolha da profissão, a formação acadêmica, os desafios enfrentados ao deparar-se com a realidade da sala de aula nos primeiros anos da carreira, as práticas pedagógicas adotadas, dentre outras situações que caracterizam essa fase inicial. Por fim, apresentamos algumas considerações sobre o estudo.

2. O INÍCIO DA CARREIRA DOCENTE: UMA BREVE REVISÃO DA LITERATURA

Para situarmos a pesquisa, apresentamos alguns estudos referentes a entrada na carreira, um tema que tem sido discutido, mas que ainda demanda reflexões, tendo em vista os impactos dessa fase no desenvolvimento profissional, especialmente dos professores de matemática.

Num estudo realizado por Papi e Carvalho (2013) os autores apresentam um panorama das pesquisas brasileiras com o objetivo de analisar as tendências sobre professores iniciantes apresentadas em um Congresso Internacional sobre essa temática. Após a análise dos focos de estudo, resultados e metodologia das diferentes pesquisas, as autoras concluíram que a maioria das pesquisas é voltada para a investigação do professor iniciante da educação básica, tendo algumas também relacionadas a educação superior. Verificaram também que aspectos como as dificuldades ou dilemas enfrentados por esses professores encontram-se em evidencia nessas pesquisas.

Uma pesquisa de Papi (2014) a respeito de professores iniciantes, intitulada: “Professoras iniciantes: formação, experiência e desenvolvimento profissional” aborda a formação docente, levando em consideração o desenvolvimento profissional de professoras iniciantes, buscando explicitar a influência de aspectos originados da experiência que se caracterizaram como formativos nesse processo. O estudo evidencia que o desenvolvimento profissional das professoras pesquisadas é marcado por múltiplos intervenientes formativos gerados pela experiência vinculada à sua história pessoal, especialmente envolvendo a influência materna e as suas vivências como alunas dos anos iniciais de escolarização.

Em um estudo de Nascimento e Reis (2017) que tem como referência alguns dados construídos na pesquisa “O trabalho docente e a aprendizagem da profissão nos primeiros anos da carreira”, que investigou como professores que ingressaram na rede pública de ensino do Rio de Janeiro entre os anos de 2010 e 2012 vivem o trabalho docente e o processo de socialização profissional, o objetivo é discutir os significados atribuídos por professores recém-ingressados na profissão sobre suas experiências de formação inicial e continuada. A análise dos dados coletados pelas autoras evidenciou uma avaliação positiva da formação inicial, mesmo tendo ficado evidenciado por professores a desconexão entre os conhecimentos acadêmicos e a dimensão prática da formação docente.

Perin (2011) pesquisou sobre os desafios vivenciados por quatro professores de Matemática nos anos iniciais da docência no Ensino Fundamental (com até cinco anos de docência), com foco em aspectos relacionados ao choque de realidade, a disciplina dos alunos, a relação entre os professores dentro da escola, as condições de trabalho e as regras do contexto escolar. O estudo revelou como é tenso o início de carreira, principalmente devido aos sentimentos de angústias, solidão, conflitos pessoais, descontentamento em relação à indisciplina, responsabilidade e aprendizagens intensas.

Os pesquisadores matemáticos Ciríaco e Morelatti (2016) trazem em seu estudo narrativas de duas professoras sobre os desafios do aprender a ensinar matemática em seus primeiros anos de carreira, com o objetivo de perceber dificuldades experienciadas por elas, identificando também características da formação inicial nesse período. Os autores concluíram que existem problemas em relação ao conhecimento matemático no decorrer do curso de formação inicial, principalmente devido aos programas descreverem uma formação centrada em procedimentos metodológicos sem atender a questões conceituais necessárias à prática pedagógica.

Na dissertação de mestrado de Santana (2016), o objetivo foi o de conhecer os acontecimentos que marcam o início da vida profissional do professor de matemática da

educação básica, identificando os desafios que o professor enfrenta nesse período. Os dados apontaram que os maiores desafios são: questões relativas ao desenvolvimento do processo de ensino, à criação e manutenção de um ambiente propício à aprendizagem na sala de aula, ao relacionamento com os pais dos alunos, à infraestrutura e administração das escolas, às condições de precariedade e instabilidade no emprego. Esses desafios, segundo a autora acabam gerando sentimentos ambíguos e instáveis em relação a profissão docente.

Podemos notar, que as pesquisas sobre o início da carreira, abordam diferentes aspectos que vão desde a influência na escolha da profissão, passando pela formação inicial e pelo desenvolvimento profissional, abarcando as dificuldades da profissão, seja de professores da educação básica ou da educação superior. O intuito de traçar esse panorama com diferentes pesquisas é situar a temática em questão, especialmente, as pesquisas sobre o início da carreira de professores de matemática. Essas pesquisas mostram que é constante a preocupação dos pesquisadores da Educação Matemática com a fase inicial.

3. O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A metodologia da pesquisa teve caráter qualitativo pautada na descrição e interpretação dos dados. Segundo André (2002, p. 33), a abordagem qualitativa consiste em “um aprendizado de pesquisa da própria realidade para conhecê-la melhor e poder vir a atuar mais eficazmente sobre ela, transformando-a”. A autora enfatiza que a pesquisa qualitativa configura a busca dos significados atribuídos pelos sujeitos as situações que marcaram sua trajetória profissional.

Utilizamos como instrumento de coleta de dados as entrevistas semiestruturadas com seis professores de escolas públicas e privadas. De acordo com Lüdke e André (1986, p. 34) a entrevista semiestruturada “permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas”. Abordamos questões relacionadas a escolha da profissão, formação acadêmica, desafios nos primeiros anos de carreira e as práticas pedagógicas adotadas.

Este trabalho pretende estabelecer relações entre o objetivo proposto na pesquisa, o referencial teórico adotado e as entrevistas realizadas com seis professores iniciantes de matemática de escolas públicas com até três anos de experiência, que serão identificados pela letra P (professores) seguidas de um número.

4. O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Para apresentação dos dados, desenvolvemos a análise abordando as questões privilegiadas nas entrevistas semiestruturadas e decorrentes dessas, relatamos narrativas dos professores sobre os desafios e descobertas em seus primeiros anos de carreira.

De início apresentamos algumas características que julgamos necessárias para entender o contexto do estudo. Foram entrevistados seis professores, sendo quatro do sexo masculino e dois do sexo feminino. Concluíram a graduação entre 2012 e 2015, no curso de licenciatura em matemática em instituições públicas de ensino. Os professores encontram-se nos três primeiros anos de carreira, lecionando alguns em escolas públicas e outros em privadas.

A escolha profissional é uma decisão difícil, sendo de grande importância para desempenhar com satisfação as atividades laborais, principalmente quando relacionadas ao ensino. Os professores relataram algumas influências nessa escolha, aos quais verificamos que partem muitas vezes da sua história de vida, vindo da família, de professores da educação básica, da facilidade e o gosto com a disciplina de matemática. Nos excertos das entrevistas os professores dizem:

Tem uma das mais influenciadoras que é uma prima minha que também é minha madrinha ela que me alfabetizou e ela era professora de matemática então acho que espelhei nela (P-1).

A minha mãe já era professora e eu ajudei muito ela em matemática, porque ela é pedagoga e a base dela de matemática é bem reduzida. E também a matemática foi uma das disciplinas que eu sempre me interessei mais no ensino médio e no ensino fundamental (P-2).

Quando cheguei na sétima série eu tive uma professora que gostei muito. Até para trabalhar a parte algébrica me motivou bastante. Então foi mais por isso a questão do professor e da matemática ser uma coisa inacabada para mim. Quando ela me desafia me estimula (P-4).

Quando questionados sobre o curso de formação inicial, os professores entrevistados mostram o descontentamento e julgam insuficientes para a preparação na sala de aula. Os respondentes dizem:

Não, não foi suficiente nem para ser um bom aluno, porque assim lá como escola tem a correria da grade, correria do currículo dos professores, então muitas vezes os professores davam aula, mas não tinham como dá aquele suporte total para que você aprendesse e dominasse a disciplina do jeito que teria que ser. A universidade não prepara o profissional (P-6).

A universidade precisa mudar em relação aos cursos de licenciatura. Ela precisa adentrar nas salas de aula. Tem programas maravilhosos como PIBID, monitoria e projetos internos da escola que são bons. É isso que tem

contribuído bastante nos cursos de licenciatura o contato da universidade com as escolas de forma pontual, mas ainda precisa aquele encontro, aquela junção do curso de licenciatura com a escola que é bem diferente (P-4).

Essas falas nos levam a concordar com o que dizem Ciríaco e Morelatti (2016) sobre a formação do professor, uma vez que,

A formação do saber docente em relação aos conhecimentos da disciplina e aos conhecimentos de como ensiná-la, precisaria estar presente nos cursos de licenciatura, de modo mais consistente e concreto, para que os futuros professores compreendessem que para ensinar Matemática, os conhecimentos específicos e pedagógicos de conteúdos são fundamentos que estão intrinsecamente ligados aos conhecimentos curriculares da prática profissional. (CIRÍACO E MORELATTI, 2016, p. 270).

Com relação a formação do professor, Papi (2014, p. 201) ressalta que em sentido restrito, a formação do professor objetiva prepará-lo para o exercício da docência, envolvendo um processo relacional e ativo, efetivado por uma instituição formadora e mediado pelo formador.

O professor ao se deparar com a realidade da sala de aula sofre com muitas dificuldades existentes no ambiente escolar, seja na relação professor e equipe técnica, professor e professor e professor e aluno. De acordo com P-5, sua experiência não foi muito boa, o que fica expresso em sua narrativa:

Foi terrível! Você sai da teoria para a prática imaginando aquela escola ideal, os alunos em silêncio e que vão aprender e aquelas dificuldades serão sanadas. Então à primeira vista foi muito difícil, a gente tem que se desdobrar, vê a dificuldade do aluno e estudar o triplo até mais do que quando estava na graduação para ensinar determinado conteúdo e a maioria aprender (P-5).

Para P-6, também fica claro as dificuldades sentidas, em sua fala ele diz:

A falta de interesse de alguns alunos, a questão, vamos dizer assim, da forma como os alunos tratam o ambiente escolar, esses problemas todos são difíceis (P-6).

Esse choque da realidade é tratado por Huberman (1995) em seus estudos sobre o processo de inserção dos docentes na aprendizagem profissional. O autor identifica “fases de início da docência”, denominada por ele como “ciclo vital dos professores”, nas quais para sua sobrevivência na profissão constata como:

[...] o “choque do real”, a confrontação inicial com a complexidade da situação profissional o tatear constante, a preocupação consigo próprio (“Estou-me a aguentar?”), a distância entre os ideais e as realidades cotidianas da sala de aula, a fragmentação do trabalho, a dificuldade em fazer face, simultaneamente, à relação pedagógica e à transmissão de conhecimentos, a

oscilação entre as relações demasiado íntimas e demasiado distantes, dificuldades com os alunos que criam problemas, com material didático inadequado etc. (HUBERMAN, 1995, p. 39).

Na fase inicial, segundo Huberman (1995), existe também a fase da descoberta que é vivida paralelamente a da sobrevivência, e é necessária para suportar essa última. Sobre a fase da descoberta este autor afirma, “traduz o entusiasmo inicial, a experimentação, a exaltação por estar, finalmente, em situação de responsabilidade (ter a sua sala de aula, os seus alunos, o seu programa), por se sentir colega num determinado corpo profissional”. (HUBERMAN, 1995, p. 39). Alguns excertos das entrevistas mostram como os professores veem esse lado bom da profissão:

O lado bom é você vê que os alunos mais interessados aprenderam de fato tirando suas dúvidas e passar o seu conhecimento (P-1).

Mesmo diante de muitas dificuldades no meu primeiro ano de trabalho, foi muito recompensante quando os alunos no final do ano me chamaram para ser o padrinho da turma para ser o professor homenageado (P-2).

A realização profissional que você sente quando vê um ex-aluno seu lá na frente formado seguindo até a sua área (P-3).

Tenho visto ex-alunos meus que sentem falta, conversam comigo, chegam a me pedir aulas particulares de reforço, e eu me sinto gratificado em relação a minha profissão justamente por vê que eu faço um bom papel para eles, essa atitude deles de conversarem comigo, me elogiar, isso para mim me faz vê que fiz o meu papel (P-5).

As dificuldades vivenciadas por cada professor iniciante marcam sua trajetória profissional sendo muitas vezes repetidas em suas aulas ao longo da carreira docente, por isso é necessário, que por mais difícil que seja, o professor tenha consciência de suas condições profissionais, procurando sempre se aperfeiçoar e qualificar refletindo sobre suas práticas pedagógicas e resistindo aos posicionamentos contrários que aparecem, principalmente de seus pares. Observamos nas falas abaixo, o que os professores iniciantes dizem sobre a relação com os professores mais experientes:

Eu fui pedir ajuda a uma professora, para saber como trabalhar, por conta da experiência que ela tinha, e não ajudou em nada, porque ficou parecendo como se eu tivesse ido para uma via diferente da que ela vai querendo ultrapassar, então o contato com outro professor não foi bom (P-3).

Eu já tive atrito com professores, inclusive de matemática. Foi com relação a tempo de trabalho. As pessoas acham que por ter muito tempo de trabalho sabem mais. Não é que saibam mais, tenham mais experiência, mas mesmo tendo mais experiência não quer dizer que o que começou agora também não saiba lidar de formas bem diferentes e as vezes se sobressai, isso não quer

dizer por eu ter mais tempo de trabalho eu vou saber lidar mais com a turma. Pode ser uma pessoa que começou agora e de repente surpreender, porque o seu jeito a sua personalidade a forma subjetiva de vida dele é adaptável aquela situação aquele momento então isso é muito relativo (P-4).

Fica evidente nas falas de P-3 e P-4 o entendimento sobre o comportamento de alguns professores mais experientes, que acaba gerando atrito e dificultando ainda mais o trabalho docente dos professores no início da carreira. Bolzan (2002) ao tratar da reflexão sobre a prática, diz que ela se torna relevante quando é realizada de maneira compartilhada e contínua. Nas palavras dele:

Refletir sobre a prática pedagógica parece ser um dos pontos de partida, pois compreender o processo de construção de conhecimento pedagógico de forma compartilhada implica compreender como se constitui esse processo no cotidiano escolar, local de encontros e desencontros, de possibilidades e limites, de sonhos e desejos, de encantos e desencantos, de atividade de reflexão, de interação e de mediação nessa construção que não é unilateral, mas acontece à medida que compartilhamos experiências, vivências, crenças, saberes, etc. numa ciranda que não se esgota, ao contrário, se desdobra, se modifica, se multiplica, revela conflitos e se amplia. (BOLZAN, 2002, p. 27).

É importante ressaltar, que o modelo proposto por Huberman (1995), mesmo parecendo linear vai variar de acordo com cada pessoa, isso significa que as dificuldades sentidas por um professor podem não ser sentidas por outro. Nem sempre passam pela mesma etapa ou sofrem certas influências. Segundo Cavaco (1995), o início da atividade profissional é:

Para todos os indivíduos, um período contraditório. Se, por um lado, o ter encontrado um lugar, um espaço na vida ativa, corresponde à confirmação da idade adulta, ao reconhecimento do valor da participação pessoal no universo do trabalho, à perspectiva da construção da autonomia, as estruturas ocupacionais raramente correspondem à identidade definida nos bancos da escola, ou através de diferentes atividades socioculturais, ou modeladas pelas expectativas familiares. Assim, é neste jogo de procura de conciliação, entre aspirações e projetos e as estruturas profissionais, que o jovem professor tem de procurar o seu próprio equilíbrio dinâmico, reajustar, mantendo, o sonho que dá sentido aos seus esforços. (CAVACO, 1995, p. 162-63).

Quando questionados sobre a atuação como professor nesses primeiros anos, os entrevistados responderam:

Nesses primeiros anos foram piores, porque assim, inicialmente quando olhava o conteúdo todo do livro minha vontade era dá todo o conteúdo, e não visava a qualidade do ensino. Agora eu penso assim é melhor dá pouco conteúdo, mas desde que o aluno aprenda mais. Com o tempo eu fui percebendo isso, que não adiantava dá bastante assunto se não estava ficando nada para o aluno (P-1).

Eu particularmente gostei do que fiz, gostei do que trabalhei. Eu fiz assim pensando no bem dos alunos, utilizando metodologias mais atuais e utilizando sempre as palavras de Paulo Freire numa educação mais libertária e motivadora (P-2).

Esses primeiros anos eu avalio como um bom crescimento, não está o ideal ainda. Começo o ano com muitas ideias que esse ano vou inovar, vou ter coragem, porque é ousado tentar mudar. Acabo fazendo nesse sentido de reflexão e que a cada ano a cada oportunidade eu mudar um pouquinho (P-4).

Eu procuro avaliar comparando com os outros profissionais, e vejo que tenho uma forma mais abrangente de ensinar. Me avalio vendo o meu próprio crescimento (P-6).

Alguns conhecimentos da prática docente só serão adquiridos com a experiência do dia a dia, quando os professores vivenciarem de fato os acontecimentos dessa fase. Papi (2014, p. 202) considera que, a singularidade das pessoas, os aspectos idiossincráticos de sua história têm a ver com “a forma como agem em seu contexto e se relacionam com outras pessoas para produzir a própria vida e por que o fazem é relevante para compreender de que modo se constitui o professor, pois nesse percurso o “fazer” gera experiência e aprendizagens, cingindo a pessoa e o professor”.

Sobre a construção do processo de formação, Bolzan (2002, p. 27), considera como algo que: [...] não é unilateral, mas acontece à medida que compartilhamos experiências, vivências, crenças, saberes, etc. numa ciranda que não se esgota, ao contrário, se desdobra, se modifica, se multiplica, revela conflitos e se amplia.

5. UMA REFLEXÃO FINAL

Pudemos constatar a ausência de uma política pública voltada para receber os professores que iniciam a carreira docente, tendo em vista que nossos interlocutores não participaram de nenhum curso de formação continuada. O que seria de grande importância para desenvolver as atividades e tentar amenizar as dificuldades sentidas, oferecendo condições favoráveis e adequadas às suas necessidades no início de carreira.

Entre as dificuldades encontradas nos primeiros anos de carreira docente destacam-se a formação do professor, a falta de apoio da escola, a relação com os outros professores, o desinteresse dos alunos.

Vale salientar que a troca de experiências com outros professores seria um ponto de apoio muito importante, onde os professores poderiam dividir os sentimentos de insegurança,

as dificuldades e angustias, e ver que todos passam pela mesma situação. Infelizmente, nossa pesquisa evidenciou que não há uma relação de ajuda dos professores mais experientes.

O reconhecimento do professor perante seu trabalho e a satisfação com os resultados obtidos em sala de aula podem fazer com que diminua o choque de realidade vivenciado por ele favorecendo a permanência na profissão.

As licenciaturas, não só a de matemática, não tem atraído os jovens para a carreira docente. As situações vivenciadas pelos professores iniciantes terminam por vezes no abandono da profissão, o que contribui para a desvalorização e a baixa procura pela docência.

Para alguns, a tarefa de ensinar antes de ser um dever é uma vocação e que mesmo com todas as deficiências nas estruturas que permeiam a educação brasileira não são capazes de tirar o mérito dos professores em tentar melhorar a sociedade, logo a tarefa de ensinar é muito difícil, mas fascinante.

6. REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. **Etnografia da Prática Escolar**. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2002.

BOLZAN, D. P. V. **Formação de professores: compartilhando e reconstruindo conhecimentos**. Porto Alegre: Mediação, 2002

CAVACO, M. H. **Ofício do professor: o tempo e as mudanças**. In: NÓVOA, A. (Org.). Profissão professor. Portugal: Porto, 1995. p. 155-191.

CIRÍACO, K. T.; MORELATTI, M. R. M. **Problemas experienciados por professoras iniciantes em aulas de matemática**. Revista Eletrônica de Educação, v. 10, n. 3, p. 267-280, 2016.

GARCÍA, C. M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Ed. Porto, 1999.

HUBERMAN, M. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: NÓVOA, Antônio (Org.). Vidas de professores. Porto: Porto Editora, 1995. P. 31-61.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NASCIMENTO, M. G. C. A.; REIS, R. F. **Formação docente: percepções de professores ingressantes na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro**. Educação Pesquisa. São Paulo, v. 43, n. 1, p. 49-64, jan./mar. 2017.

PAPI, S. O. G. **Professoras iniciantes: formação, experiência e desenvolvimento profissional**. Pro-Posições. v. 25, n. 1 (73) P. 199-218. jan./abr. 2014

PAPI, S. O. G.; CARVALHO, C. B. **Professores iniciantes: um panorama das investigações brasileiras.** Olhar de professor. V. 16 (1). P. 185-202. Ponta Grossa, 2013.

PERIN, A. P. **Vivências de professores de matemática em início de carreira.** Educação Matemática Pesquisa, São Paulo, v.13, n.2, pp.243-251, 2011.

SANTANA, G. **O professor de matemática frente aos desafios dos anos iniciais da carreira.** 2016. 143f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2016.